

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO – ESPECIALIZAÇÃO
EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Luana Correa Fernandes

**INCLUSÃO E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA**

Santa Maria, RS
2016

Luana Correa Fernandes

**INCLUSÃO E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA**

Artigo apresentado ao Curso de Pós-Graduação – Especialização em Educação Física Escolar, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista** em Educação Física Escolar.

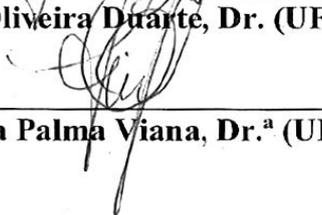
Aprovada em 28 de março 2016:



Mara Rubia Alves da Silva, Dr.^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Gustavo de Oliveira Duarte, Dr. (UFSM)



Luciana Erina Palma Viana, Dr.^a (UFSM)

INCLUSÃO E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA

INCLUSION AND IDENTITY FORMATION OF STUDENTS WITH DISABILITIES

Luana Correa Fernandes¹, Mara Rubia Alves da Silva²

Resumo

O objetivo deste estudo foi conhecer de que forma a Educação Física Escolar e um Projeto contribuem e/ou influenciam na construção da identidade de alunos com deficiência física. Este estudo caracterizou-se por ser uma pesquisa qualitativa descritiva na forma de estudo de caso. O instrumento para a coleta de informações foi um questionário com perguntas abertas, que se direcionaram para os seguintes temas: a) autoconhecimento e reconhecimento da condição de pessoa com deficiência diante da atual sociedade; e, b) perspectivas acerca das experiências na Educação Física Escolar e em um Projeto. A interpretação dos dados foi a partir do método de triangulação. Participou do estudo um aluno de um Projeto de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria, o Extremus, que, também, frequenta regularmente a escola e a Educação Física Escolar. A partir da análise das respostas do sujeito podemos concluir que é iminente a necessidade de discussões e reflexões a cerca da formação dos profissionais envolvidos na promoção do processo de inclusão. A partir das constatações referentes à forma de organização de um Projeto, onde tudo o que é realizado é pensado na igualdade social, percebemos que a inclusão está mais perto de acontecer. Assim, a organização e a preparação dos indivíduos envolvidos no processo inclusivo é fundamental. É necessária a mudança atitudinal de todo o meio que envolve o sistema educacional e das redes de laços sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão, Educação Física Escolar, deficiência, Projeto.

Abstract

The aim of this study was to understand how the Physical Education and the Project contribute and / or influence the construction of identity of students with physical disabilities. This study was characterized by being a descriptive qualitative research in the form of case study. The instrument for data collection was a questionnaire with open questions that were directed to the following topics: a) self-awareness and recognition of the handicapped condition before the current society; and, b) perspectives on the experiences in Physical Education and a artistic and educational Project. The interpretation of the data was from the triangulation method. Participated in the study a student of an Extension Project of the Federal University of Santa Maria, the Extremus, which also regularly attends school and Physical Education. From the analysis of the subject's answers we can conclude that it is imminent the need for discussion and reflection about the training of professionals involved in the promotion of the inclusion process. From the findings concerning the form of organization of a project, where everything that is done is thought social equality, we realized that the inclusion is closer to happen. Therefore, the organization and preparation of the individuals involved in the inclusive process is critical. Attitudinal change in any medium involving the educational system and social ties networks is required.

KEY WORDS: Inclusion, Physical Education, disability, artistic and educational Project.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo pretendemos conhecer as influências da inclusão na formação da identidade do aluno com deficiência. Buscando, assim, identificar os papéis que a Educação Física Escolar e um Projeto desempenham em sua formação. Para isso, precisamos elucidar alguns pontos que serão norteadores deste estudo, mostrando-se necessárias suas compreensões.

¹ Prof.^a de Educação Física e especializanda em Educação Física Escolar pela UFSM. sci.luana@hotmail.com

² Prof.^a Dr.^a dos cursos de Educação Física (licenciatura e bacharelado) e Dança (licenciatura) da UFSM. rubiaufsm@hotmail.com

Durante muito tempo as pessoas com deficiência foram confinadas a fazer parte de uma camada excluída da sociedade. As barreiras arquitetônicas e, principalmente, as barreiras atitudinais contribuíram para o isolamento do contexto social e educacional. Foi a partir da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, em Salamanca, na Espanha, em 1994 que, segundo Silva et al. (2004, p.15), a educação inclusiva se transformou em proposta para as escolas de ensino regular, com o objetivo de combater as práticas discriminatórias e promover a integração da criança com deficiência na sociedade.

Assim, quando pensamos hoje em educação escolar para pessoas com deficiência, percebemos o quanto esse tema vem ganhando atenção, tendo em vista que o acesso às escolas regulares vem se tornando cada vez maior. Também, os desafios pedagógicos advindos das diversas características clínicas desses alunos contribuem para isso.

Deste modo, o acesso à escola regular não terá sentido sem que seja acompanhado da inserção em processos significativos de aprendizagem, a partir das devidas modificações na estrutura física, material e humana da escola, na intenção de identificar as necessidades educativas desses alunos e lhes oferecer as devidas oportunidades pedagógicas.

Entretanto, Miranda e Oliveira (2007, p.23) relatam que as escolas e o governo, que deveriam prestar esse processo de inclusão, estão fazendo um papel de integração dos alunos com deficiência. Ou seja, elas dão passe para o aluno entrar na educação básica, mas não estão se adequando as necessidades que esses alunos exigem, tais como: estrutura física, materiais pedagógicos, formação dos profissionais (professores, administrativo e técnico), entre outros fatores.

Por questões conceituais, é válido ressaltar que tratando-se de inclusão, a escola deve ser aquela que proporciona uma educação voltada para todos, de forma que qualquer aluno que dela faça parte, “independente deste ter ou não alguma deficiência, tenha condição de conhecer, aprender, viver e ser, num ambiente livre de preconceitos que estimule suas potencialidades e a formação de uma consciência crítica.” (SALGADO, 2010).

Por outro lado, a integração escolar, segundo Mantoan (2003), “é uma forma condicional de inserção em que vai depender do aluno, ou seja, do nível de sua capacidade de adaptação às opções do sistema escolar, a sua integração”, seja em uma sala regular, uma classe especial, ou mesmo em instituições especializadas. Trata-se de uma alternativa em que tudo se mantém e nada se questiona do esquema em vigor.

Desta forma, a Educação Física Escolar, como disciplina curricular, não pode ficar indiferente ou neutra em face deste movimento de educação inclusiva. Com base nisso, a Educação Física Escolar também pode se constituir como um agente de inclusão, pois, quando

adequada às possibilidades dos sujeitos, valoriza e os integra à realidade, objetivando sua autonomia e autoconfiança. Assim, a trataremos como base exploratória deste trabalho, estreitando sua interação e relação com a deficiência física.

Nesse sentido, compreender a pessoa com deficiência física significa compreender o fenômeno de sua identidade, através da análise da rede de interações que ele estabelece com o ambiente que o cerca (AIHARA, 1992, p.19). Para tal, sabemos que é no processo de socialização que ocorre a individualização do ser humano, quando ele toma consciência de si mesmo na “[...] totalidade de seus traços, atributos, imagens, conceitos e sentimentos [...]” e na interiorização de sua raça, nome, gênero, sexualidade, papéis sociais, entre outros. (CARVALHO, 2004, p.34).

Sendo assim, o ser humano dá início à constituição de sua identidade ao entrar em contato com o mundo, transforma a natureza e produz diferentes culturas. Segundo Morin (2002, p. 64) “A cultura constitui a herança social do ser humano: as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico.” Por isso, as culturas podem mostrar-se incompreensíveis ao olhar das outras culturas, incompreensíveis umas para as outras.

Logo, consideramos importante o desenvolvimento de estudos que se referem a esse tema, pois, conhecer a realidade ou, ainda, aumentar nossa visão a cerca da mesma, possibilita-nos maior clareza para que possamos, cada vez mais, buscar estratégias metodológicas, sejam quanto a pesquisas científicas ou ao próprio processo de transformação almejado por nós, professores de Educação Física Escolar, em relação a efetiva inclusão do aluno com deficiência física.

Assim, embasando-nos nas considerações anteriormente citadas, formulamos a seguinte questão norteadora deste estudo: qual a influência da Educação Física Escolar e de um Projeto na construção da identidade de alunos com deficiência física?

A partir desta indagação, delineamos o objetivo geral do estudo como: conhecer de que forma a Educação Física Escolar e um Projeto contribuem e/ou influenciam na construção da identidade de alunos com deficiência física. Como objetivos específicos, destacamos os seguintes: a) verificar como o aluno se percebe, enquanto cidadão com deficiência, frente às diversas relações sociais atuais; b) analisar as percepções do aluno referentes ao processo inclusivo da Educação Física Escolar e do Projeto em que participa e quais os papéis desempenhados pelos mesmos em sua formação.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva na forma de estudo de caso. Segundo Godoy (1995, p.27), a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise das informações. Ela envolve a obtenção de informações descritivas sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto dos pesquisadores com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação de estudo. Como estudo de caso, Gil (1999, p.13) relata que se fundamenta na ideia de que a análise de uma unidade de determinado universo possibilita a compreensão da generalidade do mesmo ou, pelo menos, o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistematizada e precisa.

O instrumento utilizado para a coleta de informações foi um questionário com perguntas abertas. Cervo e Bervian (1996, p.42) ressaltam que esse instrumento representa a forma mais usada para coletar informações, pois possibilita buscar o que realmente se deseja atingir. Colocam ainda, que o questionário é um meio de obter respostas por uma fórmula que o próprio informante preenche. Para a elaboração do instrumento, foram levados em consideração todos os objetivos (geral e específicos), além do problema de pesquisa.

Participou do estudo um aluno com deficiência física de um Projeto de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), chamado de Grupo de Dança Sobre Rodas Extremus, cujo objetivo é a inclusão de pessoas com deficiência. A escolha do participante aconteceu a partir do conhecimento de que, além de participar do Projeto de Extensão da UFSM, também frequenta regularmente a escola. Quanto aos aspectos éticos vinculados às pesquisas científicas, destacamos que o envolvido assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e sua identidade foi preservada.

O aluno será citado em seus relatos como “P.J.”. Este, participa do Projeto Extremus há 14 anos, tendo hoje 22 anos de idade. Entre outras características, é homem de raça branca, classe média-baixa, heterossexual e com deficiência física. Estudou e estuda em escola da rede pública de ensino e frequenta assiduamente as aulas do Projeto.

A interpretação das informações coletadas pelo questionário foi realizada através da técnica de triangulação. De acordo com Triviños (1987, p.29), essa técnica tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. Sendo assim, a triangulação dos dados foi utilizada neste estudo como uma forma de expressão para facilitar o entendimento do pesquisador.

Para tanto, procuramos ler atentamente as respostas obtidas com o questionário, para que pudéssemos extrair significações a respeito do problema em estudo e dos objetivos

almejados. Assim, agrupamos as similaridades de significados destacadas em categorias mais abrangentes, as quais ficaram estabelecidas da forma que apresentaremos ao decorrer das discussões dos resultados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. Corpo Invisível

Nesta categoria pretendemos analisar o posicionamento do aluno em relação à visão que este tem acerca de sua condição, a partir das percepções de si e em face da sociedade como um todo. Isso, a partir de suas respostas no questionário, comparando ao que se encontra na literatura e relacionando ao problema e objetivos aqui propostos.

Primeiramente, quando questionado em relação a quais reflexões o aluno faz sobre suas condições de cidadão com deficiência física diante de tudo que o cerca, ele nos relata que *“se sente uma pessoa apagada pela sociedade, pois a sociedade acha que “a gente” tem méritos e vantagens, que na verdade não acontecem. Elas só existem no papel.”* (P.J., 2015). Já com apenas esse desabafo, percebemos que, embora hoje em dia seja muito maior a sede por igualdade e, por isso, tantas propagandas em todos os tipos de mídia, fora as leis e programas, a deficiência maior está em conseguirmos fazer todos esses recursos tornarem-se reais e de efeitos verdadeiros. Isso porque, quando alguém que deveria fazer uso de todas as medidas propostas sente-se “apagado pela sociedade” e percebe que isso tudo “só existe no papel”, é claro que algo está errado.

Entretanto, saber disso sem saber o motivo pelo qual isso acontece, acaba nos deixando sem saber o que fazer... Afinal de contas, está tudo aí, as leis estão criadas, a visibilidade dada e a propaganda feita. Mas então por que não funciona? No Brasil, segundo Nascimento (2015, p.03), a implementação de propostas relacionadas às pessoas com deficiência é muito difícil, já que, não apenas na área educacional, mas também no que diz respeito a empregos e direitos, reflete a predominância de uma perspectiva assistencialista que, apesar de todas as lutas e leis instituídas, ainda está diretamente vinculada a iniciativas e disposições individuais.

Desta forma, entendemos que o caminho ainda é longo até vermos a concretude de todas as ferramentas utilizadas em busca da igualdade que almejamos. A inclusão social deve ser abordada como um novo paradigma, o caminho “ideal para que possamos – juntos na diversidade humana – cumprir nossos deveres de cidadania e nos beneficiar dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e de desenvolvimento” (SASSAKI, 1999, p.31).

Nesse sentido, pontuamos aqui mais uma fala do aluno que, na sua simplicidade, demonstra talvez o ponto crucial de todas essas discussões: *“Isso (o desejo de ter direitos iguais a todo mundo) as pessoas dessa sociedade deveriam reconhecer, até pra tornar um mundo melhor, uma cidade melhor”*. (P.J., 2015). Partimos aqui do princípio que, segundo Camargo (2010), sociedade, no seu sentido mais geral, pode ser resumida como um sistema de interações humanas culturalmente padronizadas. Porém, independente da definição, sabemos que sociedade sem nós, seres humanos, cidadãos, nada seria.

Sendo assim, nos parece evidente que sem a mudança mais intrínseca, aquela que parte não dos olhos a perscrutar tudo o que é visto ou lido, mas sim da capacidade de reflexão perante essas ferramentas, da habilidade (pois deve ser adquirida) de se auto reconhecer no outro como semelhante, com suas diferenças e fazendo parte de um “todo” (e a esse “todo”, caberia usarmos diversos termos, inclusive, sociedade), continuaremos sem avanços significativos.

De acordo com Paula (2004, p.17), “inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder receber em seus sistemas sociais, cidadãos que dela foram excluídos, no sentido de terem sido privados do acesso aos seus direitos fundamentais”. Não há dúvidas de que toda e qualquer adaptação exija tempo, e aí parece estar o maior problema: o tempo por demais grande que se está levando para a adaptação em relação ao respeito, o custoso tempo para que não precisemos mais ouvir de uma pessoa com qualquer tipo de deficiência o quão “excluída” da sociedade ela se sente.

3.2. Experiências Identitárias

Aqui, a análise foi feita a partir das experiências vividas pelo aluno em sua vida escolar na Educação Física Escolar e no Projeto em que ele participa, onde buscamos identificar os limites e possibilidades das mesmas, nos detendo apenas em conhecê-las e buscando na literatura subsídios para relacioná-las.

Quando o questionamos sobre sua trajetória na Educação Física Escolar, nos disse: *“[...] foi sempre bem complicada. Porque sempre tive que lutar pelo meu espaço, conquistar o meu espaço, e até hoje isso é difícil, porque ainda não existe um respeito ou questionamentos sobre isso, porque eles sempre botam a gente a jogar xadrez, dominó ou fazer pesquisa de táticas de futsal, etc.”*. (P.J., 2015). Fazendo um parêntese a isso, do ponto de vista educacional, sabemos que o processo de inclusão deve atender a todos, indistintamente, sendo capaz de incorporar as diferenças no contexto da escola, o que exigirá a transformação de seu cotidiano e, certamente, o surgimento de “novas formas de

organização escolar, audaciosas e comprometidas como uma nova forma de pensar e fazer educação” (OLIVEIRA, 2004, p.22).

Sendo assim, a trajetória “bem complicada” na Educação Física Escolar, citada pelo aluno, não nos revela nenhum segredo, pois,

No que concerne à área da Educação Física, a Educação Física Escolar Adaptada surgiu oficialmente nos cursos de graduação, por meio da Resolução número 03/87, do Conselho Federal de Educação, que prevê a atuação do professor de Educação Física Escolar com o “portador de deficiência” e outras necessidades especiais. A nosso ver, esta é uma das razões pelas quais muitos professores de Educação Física Escolar, hoje atuando nas escolas, não receberam em sua formação conteúdos e/ou assuntos pertinentes à Educação Física Escolar Adaptada ou à inclusão (CIDADE e FREITAS, 2002, p. 24).

Para tanto, é necessário olhar um pouco mais adiante, tentar identificar a raiz do problema que parece estar mais relacionada com a total falta de preparação.

Esta, em nossa compreensão, por parte de uma combinação hierárquica de acontecimentos, desde o professor de Educação Física Escolar da escola que não teve em sua formação subsídios suficientes para planejar sua aula como uma “aula para todos”; também, pela gestão da escola que, não tão raro, acaba sendo um empecilho quando trata-se de inovação; unindo-se aos problemas de infraestrutura, baixos repasses de verba (quando há) e, principalmente, do empenho quase nulo em melhorias e reformas, para que o direito de ir e vir possa ter o acesso adequado; passando, ainda, pela própria estrutura curricular da instituição de ensino superior que, pela abundância de teorias e teóricos, abordagens, burocracias e interesses, torna-se normalmente insuficiente e contraditória; ainda, pelos constantes “ataques” governamentais que irradiam a falência da educação (no mais puro conceito de educação) mais do que qualquer outra coisa.

Desta forma, a Educação Física Escolar sendo um dos componentes curriculares da educação básica, não pode ficar indiferente ou neutra face ao movimento da educação inclusiva. Como faz parte integrante do currículo oferecido pela escola, essa disciplina deve-se constituir num dos adjuvantes do processo da inclusão escolar e social, e não mais um potente instrumento da exclusão.

Em mais um trecho da resposta de nosso sujeito, vemos claramente o quanto o “não estar incluído” não parte de sua própria vontade, pois, poderia também não querer participar das aulas de Educação Física Escolar, mas não é o que acontece. O aluno nos conta que “[...] gosto de atividade física como qualquer outra pessoa. Acontecem os campeonatos e ‘a gente’ vai pra o colégio, fica parado e não faz nada. ‘A gente’ ganha nota de graça, vamos dizer

assim, e isso não é legal ‘pra gente’, isso mostra que ‘a gente’ não tem capacidade pra estar ali, pra passar por aquilo ali”. (P.J., 2015).

Percebemos aqui dois meios de exclusão muito frequentes e, também, muito criticados na Educação Física Escolar: o caráter esportivo e/ou competitivo, que embora tenha diminuído a incidência e aumentado a tentativa de outras abordagens, ainda é predominante. Isso acarreta na busca pelos mais habilidosos e na exclusão dos menos habilidosos, o que provoca a falta de interesse dos alunos que nem sempre são ótimos “jogadores de bola”. Como nos descreve Silva (1993, p. 41), a formação pedagógica do professor de Educação Física Escolar vem sendo colocada em plano secundário, prevalecendo os conteúdos das disciplinas de cunho técnico desportivo, corporal e biológico, em detrimento das disciplinas pedagógicas.

O outro meio excludente é a liberação das avaliações, subentendendo que não há a necessidade de avaliar. O motivo pela liberação cada professor deve ter o seu, mas a percepção do aluno faz com que sintam-se em inferior valia diante dos demais. Com isso, vemos mais uma vez a falta de preparo interferindo na aprendizagem do aluno, pois, a não participação dele nas atividades nem a liberação das avaliações são por incapacidade sua, mas sim, por aquele emaranhado de incompetências já mencionado.

Segundo Souza (2003, p.12), num estudo que realizou com cinco participantes (professores de Educação Física Escolar) sobre o tema *inclusão do educando com deficiência no ensino regular da escola pública*, relata que a inclusão implica em gestão democrática na escola e que, numa sociedade que gera e administra uma legião de excluídos, com prioridades sociais competitivas, discutir inclusão torna-se tarefa bastante embaraçosa e difícil.

Nesse sentido, concordamos que a tarefa é realmente difícil, pois em relação às atividades que o aluno participante deste estudo gostaria de fazer, nos deparamos com a menção às atividades de artes marciais. Segundo ele, acha “[...] importante as escolas incluírem esse tipo de atividade, assim como outras atividades também para pessoas com deficiência, para formar novos atletas, porque tem bastante potencial pra ajudar nesse quesito, e não é só pelo fato da superação”. (P.J., 2015).

Infelizmente, dois pontos bastante “embaraçosos e difíceis”. Por um lado, a esperança da inclusão de conteúdos na Educação Física Escolar que não sejam os de praxe e, por outro, a inclusão dos conteúdos mais as suas respectivas adaptações, para que assim possa ser acessível a todos e contribua de forma positiva na formação do aluno com deficiência.

Desta forma, relembramos Bueno e Resa (1995, p.19), quando afirmam que “a Educação Física Escolar Adaptada não se diferencia da Educação Física Escolar em seus

conteúdos, mas compreende técnicas, métodos e formas de organização que podem ser aplicados ao indivíduo com deficiência. ” É um processo de atuação docente com planejamento, visando atender às necessidades de seus educandos. Assim, chegamos mais uma vez no fator preparação.

Embora os descontentamentos de nosso sujeito de pesquisa com suas vivências na Educação Física Escolar, ele se mostra maduro o suficiente pra conseguir ver o lado positivo de suas experiências, pois nos relata o seguinte: *“Eu acho que minha Educação Física Escolar me influenciou desde criança, porque eu sempre gostei de esportes, sempre gostei de desafios. Já tive professores com novas ideias, com um novo olhar da Educação Física inclusiva nas escolas [...] Mas essa influência aconteceu pra mim porque eu gostava de artes marciais e há alguns anos atrás procurei um professor e ele abraçou a ideia. Isso foi o que me ajudou a acreditar na Educação Física Escolar, antes eu achava a Educação Física Escolar um conteúdo inválido, onde eram só algumas pessoas que poderiam fazer [...] E eu ficaria por fora. Só que hoje ‘tá’ voltando um pouco disso, mas eu to lutando contra.”* (P.J., 2015).

Com isso, percebemos o quanto a atitude de um professor, entre vários, foi fator predominante para mudar a concepção de Educação Física Escolar de um aluno, o fazendo acreditar e/ou reconhecer a finalidade da mesma. Não somente, o fazendo crer também em sua capacidade de participação das aulas como qualquer outro aluno. Neste sentido, Marchesi (2004, p.08) nos fala sobre a conclusão de recentes estudos, onde destaca quatro fatores principais que favorecem a inclusão: projeto compartilhado, currículo adaptado, organização flexível e atitudes positivas da comunidade educacional. Fatores esses que, se encarados com total seriedade e compromisso, seriam primordiais para começarmos a realmente incluir.

Por outro lado, mas não menos importante, objetivemos também saber a respeito do Projeto em que nosso sujeito participa. O Extremus, projeto que faz parte de um Programa de Extensão da UFSM, caracterizando-se por ser um Grupo de Dança com princípios de inclusão. Vale ressaltar que este Projeto possui em sua composição a multidisciplinaridade como característica, contando com a participação de acadêmicos e professores de diversos cursos da Instituição e, também, alunos (crianças, jovens e adultos) de várias regiões da cidade de Santa Maria, com variados tipos de deficiência, onde a que predomina é a deficiência física.

Por conseguinte, quando questionado sobre sua participação no Extremus, o aluno nos faz o seguinte relato: *“A minha participação no Projeto nesses quatorze anos é cem por cento, é um projeto bem inclusivo, é bem capacitado, ele não vê diferença entre pessoa, cor,*

tamanho, sexo, nada disso. 'Tu' tem a capacidade de elaborar como todo mundo, de planejar como todo mundo, e 'tu' se sente útil fazendo aquilo, 'tu' faz parte daquilo, 'tu' é importante pra aquilo, sabe, se 'tu' falta 'tu' perde, se 'tu' participa 'tu' ajuda". (P.J., 2015).

É evidente a importância para o aluno de sua participação no Grupo de Dança, o quanto ele sente-se “em casa” e aceita nesse ambiente, fazendo com que o termo “inclusivo” pareça real e verdadeiro. Isso torna-se mais claro ainda quando nos diz: *“O projeto mostrou pra mim um lado meu que eu não conhecia e acabei conhecendo, admirando e gostando. Ele influenciou no meu crescimento como pessoa, como adulto agora [...] Tem pessoas que admiram 'a gente', pelo o que 'a gente' fez e pelo o que 'a gente faz'. O projeto me formou como homem, como cidadão e como profissional um dia”.* (P.J., 2015). Aqui, vemos o valor atribuído por ele àquilo que não o faz sentir-se excluído, concedendo a uma atividade o privilégio de ser fundamental para sua formação.

Com isso, o estar incluído mostra-se presente quando há a socialização, e é nesse sentido que Ahiara (1992, p.23) refere-se que “a socialização é a formação da identidade como uma consequência da interação social. Quando um indivíduo adquire papéis, ele também chega a adquirir certa concepção de si mesmo”. De maneira semelhante, a pessoa torna-se capaz de formar uma ampla perspectiva social quando observa pessoas ou eventos sociais.

Entretanto, não podemos usar de hipocrisia e querer comparar a estrutura escolar, a dinâmica do professor de Educação Física Escolar e a forma como a inclusão tem sido encarada na comunidade escolar, com a elaboração de um Projeto de cunho inclusivo, onde os objetivos todos são voltados à promoção da igualdade social, onde os integrantes e responsáveis advêm de uma formação um pouco mais específica ao tema e a contribuição das diversas áreas da educação ajudam no andamento das aulas.

Porém, refletindo a cerca disso, chegamos à compreensão de que, sendo a escola um ambiente repleto de uma diversidade de saberes, com profissionais também qualificados, capazes de unirem ideias de objetivos em prol de uma mesma causa, não é impossível a aproximação da real inclusão.

Por tudo isso, conforme mostra Mantoan (2003, p.36), “a inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora. Implica a mudança desse atual paradigma educacional.” Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, precisamos urgentemente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, uma cidadania plena, livre de preconceitos e que reconheça e valorize todas as diferenças.

4. CONCLUSÃO

Ao discorrermos neste artigo sobre temáticas diretamente relacionadas à inclusão, dentro da Educação Física Escolar e de um Projeto, ambos como fatores preponderantes na formação da identidade do aluno com deficiência física, percebemos a necessidade iminente de discussões e reflexões a cerca da formação dos profissionais envolvidos na promoção do processo de inclusão. Para além de qualquer programa, planejamento, processo ou instituição, tais reflexões devem partir de cada um de nós, revendo pré-conceitos e tentando, no mínimo, diminuir a ignorância a cerca do que não é de nosso conhecimento.

Por conseguinte, a partir dos relatos analisados, constatamos o descontentamento em relação ao tratamento do aluno nas aulas de Educação Física Escolar, mostrando-se insatisfeito com sua trajetória na mesma. Entretanto, as adversidades encontradas ao longo do caminho, foram de extrema importância para nosso pesquisado, pois, notamos que serviram para que ele pudesse ter uma visão mais crítica sobre o tema, o fazendo refletir a cerca de tudo o que o envolve e, muitas vezes, apontando caminhos e direções.

Deste modo, a tumultuada relação do aluno com a Educação Física Escolar não o fez desacreditar totalmente dela, já que quando percebeu-se participante das atividades, a encarou de uma forma diferente. Ou seja, no momento em que seu direito de participação como os demais não lhe foi tirado, a percepção a cerca da disciplina foi diferente.

Assim, diante das considerações apresentadas anteriormente, entendemos que inclusão dentro da Educação Física Escolar tem um longo percurso pela frente, até conseguir fazer a diferença para os alunos com deficiência, no caso aqui estudado, com deficiência física. Isso porque, a partir das constatações referentes à forma de organização de um Projeto, onde tudo o que é realizado é pensado na igualdade social, percebemos que a inclusão está mais perto de acontecer.

De fato, nosso sujeito não deixou dúvidas sobre a importância que o Extremus teve em sua vida, sendo estímulo para, talvez, uma futura profissão. Porém, entendemos que todos os benefícios e valores atribuídos a esse Projeto, estão estritamente ligados ao acervo que o envolve e, também, aos objetivos que ele compreende.

Esses fatores, já mencionados e esclarecidos anteriormente, são de extrema relevância enquanto trabalho desenvolvido e, principalmente, quando comparados ao ambiente escolar. Por isso, reconhecemos que a formação e, conseqüentemente, a preparação dos profissionais da educação, juntamente com a reorganização de todo o sistema educacional, são os primeiros passos a serem repensados.

Nesse sentido, a compreensão de que a organização e a preparação dos indivíduos envolvidos no processo inclusivo é fundamental para chegarmos mais perto da inclusão. É necessária a mudança atitudinal de todo o meio que envolve o sistema educacional. Não somente, as mudanças também devem vir de todas as redes e laços sociais, fazendo-se livres de pré-conceitos e pensamentos de indiferença. É uma questão de conscientização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIHARA, K. K. **Aspectos da identidade social do deficiente físico: um estudo exploratório**. 1992. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.
- BUENO, S. T.; RESA, J. A. Z. **Educacion Fisica para niños y niñas com necesidades educativas especiales**. Málaga: Ediciones Aljibe, 1995.
- CAMARGO, O. **Sociedade**. Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/sociedade-1.htm>>. Acesso em 13 de dezembro de 2015.
- CARVALHO, M. V. C. **História de ser e fazer-se educador: desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias**. 2004. Tese (Doutorado) – PUC, São Paulo, 2004.
- CERVO, A. L; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Revista Makron Books, vol. 4, 1996.
- CIDADE, R. E., FREITAS, P. S. **Noções sobre Educação Física Escolar e Esporte para Pessoas Portadoras de deficiência**. Uberlândia, 1997.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Revista Atlas, vol. 4, 1999.
- GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3, 1995.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Editora Moderna, , 2003.
- MARCHESI, A. **Da linguagem da deficiência às escolas inclusivas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MIRANDA, A. A. B.; OLIVEIRA, M. C. **Inclusão escolar: concepções de professores de alunos deficientes mentais na educação regular**. Uberlândia: Revista Horizonte Científico, v.1, n. 7, 2007.
- MORIN, E. **O enigma do homem: para uma nova antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- NASCIMENTO, C. F. **Educação inclusiva no Brasil e as dificuldades enfrentadas em escolas públicas**. Rio de Janeiro: Revista REINPEC, 2012.
- OLIVEIRA, A. A. S. **Formas de organização escolar: desafios na construção de uma escola inclusiva**. Marília/SP: Fundepe Publicações, 2004.
- PAULA, J. de. **Inclusão: mais que um desafio, um desafio social**. São Paulo, 2004.

SALGADO, ELISABETH, **Inclusão: sonho ou realidade**. Disponível em:
http://www.elisabethsalgadoencontrandovoce.com/inclusao_escolar_sonho_realidade.htm.
Acesso em 10 de dezembro de 2015.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: Editora WVA, 1997.

SILVA, S. B. **Análise das relações existentes na legislação que orienta a formação profissional dos especialistas em Educação Física Escolar e Desportos e os planos nas áreas educacional e desportiva no Brasil**. 1993. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física Escolar, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

SILVA, A. I. T., SILVA, D.B.R., AGNELLI, L.B., HIGUCHI, M.A., OLIVEIRA, M.C., SILVA, P.C., MANCINI, M.C., VARELA, R.C.B. **Perfil funcional de crianças com paralisia cerebral na escola regular segundo tipo de escola e comprometimento motor**. São Paulo: Revista Temas sobre Desenvolvimento, v.13, n.74, 2004.

SOUZA, W. C. **A Inclusão do Educando com Deficiência na Escola Pública Municipal de Goiânia: O Discurso de Professores de Educação Física Escolar**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física Escolar, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Revista Atlas, 1987.